

Pe. Fábio de Melo

A HORA  
DA ESSÊNCIA



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Padre Fábio de Melo, 2021  
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2021  
Todos os direitos reservados.

*Preparação:* Thiago Fraga  
*Revisão:* Carmen T. S. Costa e Andréa Bruno  
*Diagramação:* Vivian Oliveira  
*Capa:* Rafael Brum  
*Imagem de capa:* Kevin Carden / Adobe Stock

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Melo, Fábio de, 1971-  
A hora da essência / Padre Fábio de Melo. – 1. ed. – São Paulo:  
Planeta, 2021.  
264 p.

ISBN 978-65-5535-306-8

1. Literatura cristã I. Título

21-0570

CDD: B869.3

Índices para catálogo sistemático:  
1. Literatura cristã

## **Acreditamos nos livros**

Este livro foi composto em Bodoni Std e  
impresso pela Gráfica Santa Marta para a  
Editora Planeta do Brasil em fevereiro de 2021.

2021

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.  
Rua Bela Cintra, 986 – 4<sup>a</sup> andar  
01415-002 – Consolação – São Paulo-SP  
www.planetadelivros.com.br  
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Não me engano. Até para morrer a vida nos pede competência. Requer coragem olhar o fim, saber-se adentrando o compasso das últimas horas, o derradeiro trajeto a ser cumprido. É doloroso sorver o cálice que não receberá nova porção. Acompanhar a própria morte é ver o vinho se acabando, a taça translúcida a revelar o miúdo da quantidade, o líquido escasseando, a reunião de gotas a sujar o fundo de onde sai a elegante haste de estanho, e o saber que não descansa, o comunicado que a mente faz ao corpo, que a taça não será novamente preenchida.

Estou só. A solidão aguça ainda mais a minha insegurança. As paredes do quarto me protegem do externo do mundo, mas de nada valem. O que me desprotege não mora do lado de fora. O que me ofende nasce sob a pele que me veste. O inimigo se alojou, fez um ninho em minha mente. Arregimenta minhas forças, coloca-as num movimento contrário ao sopro que poderia me reinaugurar.

Morrerei só. Será minha sina. Entre nomes recém-chegados, rostos que não albergam memórias. Em nenhum deles posso encontrar um fio que possa ser puxado, uma ponta do novelo que seja capaz de desatar as histórias de que necessito recordar e contar.

Sim, morrer só tem sentido quando estamos entre reminiscências, ancorados em saudades, aconchegados por histórias que desarticulem o esquecimento, que provoquem o movimento das palavras que alçam o que da memória não se apagou, e que, pela força do tempo, vai se esconder nos labirintos da alma.

Estou distante de todos os que poderiam dar alento ao que sofro. Filha única, perdi meus pais quando ainda era jovem. Casei-me com o primeiro namorado que tive, e fui feliz até o dia em que ele não me quis mais. Disse que o amor tinha terminado. Fez o comunicado, arrumou as malas e se foi.

E, como as explicações não me foram dadas, obrigou-me a guardar as perguntas no peito, subjugando-me à prisão de nunca mais poder tocar no assunto. Sua partida ainda me dói o incalculável. Há partidas que nunca terminam, porque o que se ausenta com a ausência do corpo não se submete ao entendimento da razão. É um ir embora constante, parto que nunca recebe a bênção da calma, do sossego das contrações. Por isso, nunca deixei de perdê-lo; por isso, não é mensurável o fosso provocado por sua ausência.

Há pessoas que são múltiplas. Abrigam em si uma infinidade de outras. Perdi muitas pessoas numa só. Meu marido, meu amante, meu pai, meu filho, meu irmão, meu melhor amigo. Quantos partem naquele que parte? Quantos morrem naquele que morre? O amor é um mistério que altera a regra das quantias. Ele nos torna múltiplos, desdobra-se, modifica o antes singular, cria uma infindável série de papéis, fazendo-os viver num só.

De vez em quando, o vazio se disfarça, se acomoda, e, então, temos a breve sensação de que a vida reencontrou o seu rumo. Mas, de repente, o vazio se amplia. O sofrimento é tanto, tanto, que optamos pelos caminhos mais mesquinhos, expondo-nos às mais vergonhosas misérias humanas.

Eu precisava sobreviver. E escolhi da pior forma. Criando um obstáculo entre o marido perdido e o nosso filho. Não suportava sofrer sozinha. Queria que Gustavo – embora não recebesse a rejeição do pai, pois ele continuava absolutamente presente na vida do menino – sofresse o mesmo que eu. Eu precisava punir o meu marido. Não era justo que fosse embora sem que também perdesse. Eu não poderia ser a única a sofrer os golpes da rejeição. E, como eu não era capaz de rejeitá-lo, pois tudo em mim pedia pela sua presença, tratei de lhe oferecer a rejeição de Gustavo, barro moldável que eu tinha nas mãos. Fiz de tudo para que ele internalizasse que fomos trocados, rejeitados, esquecidos. Falei com ele, muitas vezes, como um adulto fala a outro adulto: “O seu pai arrumou outra mulher. Ele não gosta mais de mim nem de você. Ele quer ter outros filhos porque você não foi o suficiente para fazê-lo feliz”.

Deu certo. Augusto tentou de todas as formas, mas nada reverteu a rejeição do menino. As visitas a que o pai tinha direito por lei, a guarda compartilhada que o juiz estabeleceu, só foram tentadas no primeiro ano. Quando Gustavo cruzava o limiar de nossa casa, eu já me apressava a fazer o que no Direito estudei e que tem nome específico: *alienação parental*. Fiz consciente. Era a única forma que eu tinha de

atingir o coração de Augusto, já que ele nunca fazia questão de me ver nem de me escutar.

Eu sabia que ele seria um excelente pai para o meu filho. Tinha certeza de que em pouco tempo ele seria capaz de fazer o menino gostar da nova esposa, conviver bem com a separação e até de fazê-lo interpretar que tinha sido eu a responsável pela nossa dissolução familiar. E eu não seria capaz de suportar isso. Sua excelência como pai me feriria ainda mais. Queria mesmo é que ele nunca mais cumprisse com as obrigações do sangue, quem sabe assim eu perderia a admiração, quem sabe assim eu viesse a ferir o lugar que a ele erigi em mim, derramaria fel sobre as lembranças que me colocavam diante do pai que ele sempre foi: presente, atento, atencioso, nunca deixando faltar matéria nem amor.

Logo após a separação, Augusto visitou regularmente a nossa casa, mas só ao meu filho ele emprestava o calor da alma. A mim ele se limitava a dedicar a praticidade que não lhe custava esforço emocional, os gestos que não recebiam o invólucro da delicadeza do amor. A princípio eu aceitei o vínculo da praticidade. Ele continuava tendo as chaves da casa, interferia constantemente nos andamentos das coisas. Reforma, jardinagem, seguros a serem feitos, renovados, toda a dinâmica da vida que se presta à submissão dos controles humanos. Mas, quando percebi que sua dedicação em nada me incluía, que tudo me era entregue como consequência, pois ele fazia pelo nosso filho, comecei a derramar o veneno na mente do menino. Deu certo. Depois de muitas tentativas de aproximação, Augusto resolveu não mais insistir. Logo em seguida conseguiu

um cargo na Universidade Harvard. Deve ter comemorado o desligamento que viveu do filho. Partiu livre, reconciliado com a consciência, com a nova esposa, sem ao menos me comunicar pessoalmente. Fez tudo por meio do advogado.

Nunca consegui assimilar o fato de ter sido trocada por uma mulher vinte anos mais jovem do que eu. Ainda trago a rejeição feito um espinho na carne. Internalizei todos os detalhes daqueles dias. Talvez eu tenha me favorecido quando fiz questão de conhecê-la. Ritualizei a perda. Quis depositar os meus olhos sobre o seu rosto para que depois eu pudesse desenhar com os dedos o seu perfil perfeito, alinhado, o seu corpo impregnado de juventude, só para magoá-lo com as lâminas cortantes dos meus ressentimentos. Olhei para ela demoradamente, como quem quer decorar uma pintura. Pus atenção na aura leve que arrematava o todo de suas qualidades físicas. Naquele momento, embora tudo em mim sofria e era humilhado, pude entender o conflito que nele se estabelecera. Uma mulher bonita como aquela não poderia ser ignorada por um homem que sempre correu atrás de tudo o que é belo.

Ela era residente no hospital que por ele era dirigido. As afinidades os aproximaram. Ele, doutor renomado, conhecido pela competência médica e administrativa. Homem bonito, elegante, sedutor, é natural que tenha despertado a atenção da moça ambiciosa que possuía os mesmos atributos.

A disputa foi injusta. A recém-chegada administrava franca vantagem sobre mim. Eu abri mão de tudo para cuidar de nossa casa. Quando me casei, fechei o escritório de advocacia que meu pai tinha deixado para mim e abandonei uma

promissora carreira acadêmica, limitando-me aos desafios do lar. Em pouco tempo adaptei-me a viver exclusivamente para minha família. E feliz. Nunca lamentei a vida deixada. O convívio com Augusto me bastava. Tanto bastava que a outros fazia questão de doar as sobras de minhas alegrias.

Fui incauta ao aceitar viver somente para ele. Com o nascimento de Gustavo, minha dedicação à casa tornou-se ainda maior. O tempo foi passando e eu não percebi o descontentamento de Augusto. Quando estamos embriagados de felicidade tendemos a acreditar que todos os que nos circundam desfrutam do mesmo torpor.

A rotina estava puindo o manto de seu amor por mim. Mas eu não percebia. É natural que eu tenha perdido os motivos que antes o atraíam. Ele sempre confessou admirar mulheres empreendedoras, capacitadas. Foi justamente por me perceber assim que ele me quis.

Eu o atendi numa consultoria fiscal, recordo-me. Passamos duas horas conversando sobre os encaminhamentos legais para as questões que ele me apresentou. Naquele mesmo dia me convidou para jantar.

Ele costumava dizer que tinha sido amor à primeira vista. Dizia sempre aos nossos amigos – geralmente ao final de jantares regados a bons vinhos e prosa proveitosa – do encantamento que o fez se decidir em viver comigo. Gostava de fazer propaganda de nossa história, como se a partilha dos fatos reforçasse nele os encantos dos primeiros dias. Contava sempre da mesma forma, seguindo um esquema mental, frase por frase, retórica forjada pela força da repetição, burilada pelo tempo.



Eu acreditei que seria para toda a vida. Creio que ele também. Mas não foi. A vida tem regras que nunca se entregam à nossa doma. Há um fato irremediável que nos impõe a cronologia: o amor também morre, porque tudo que está de baixo do céu vive sob as sombras determinantes das impermanências. Até quando não queremos, o amor morre. Até quando lutamos por ele, o amor morre. Até quando somos capazes de ficar até o fim, o amor morre. De modo que nunca, nunca temos a garantia de que o amor hoje jurado possa ver romper a luz de um novo dia.

O sono me abate. É provável que a enfermeira que há pouco entrou no quarto tenha injetado um calmante no cateter que tenho no braço. O mundo ao meu redor está ficando polvilhado de luzes miúdas, como se uma chuva de prata estivesse caindo só para mim.

Deveriam vender esses medicamentos na padaria. Teria sido redentor tê-los ao alcance de minhas mãos. Sem prescrições, sem burocracias médicas. Uma estante repleta. Inteira só para mim. Entraria e pediria à mocinha: “Dois pacotes para dormir, um pacote e meio para ver chuva de prata, três doses para eu esquecer as mágoas...”.

A dor teria me dado breves intervalos de descanso. A chuva de prata está caindo. Augusto me sorri. Corro para alcançá-lo, mas sua imagem se desfaz tão logo eu me aproximo.

\*\*\*

Aconteceu. Estou só. Nunca pensei que morreria assim. Antes da separação, sempre fiz questão de casa cheia, mesa posta, amigos que eram inimigos do fim. Nunca imaginei que o crepúsculo de minha vida seria experimentado sob o claustro de paredes desconhecidas. Sempre que eu me pus a pensar sobre o fim, inevitavelmente me imaginava velhinha, rodeada de netos, amparada por mãos conhecidas, sempre solícitas a oferecerem, num mesmo gesto, remédio e amor.

Mas a cena é outra. A velocidade com que a morte me tomou pela mão não me permitiu administrar qualquer escolha. Eu estava retornando à minha casa quando percebi uma escuridão se apoderando de meus olhos. Acordei num leito de UTI. Só então descobri que vinte e dois dias me separavam daquela tarde. A notícia me veio pela voz de um homem que até então me era desconhecido. Doutor Rogério Albuquerque. Comunicou-me que eu havia chegado ao hospital com uma hemorragia grave. Os exames detectaram um tumor no pâncreas. Disse que fui submetida a um processo cirúrgico, e que desde então eu permaneci inconsciente.

Escutei o relato como quem escuta uma história de ficção. Há acontecimentos que só podem ser absorvidos depois de longa maturação. A verdade pede encaixe. Olhei para o homem, até então desconhecido, e lhe pedi que me contasse a verdade. Ele contou. Disse que eu tinha um câncer bastante agressivo e incontrolável. O tumor do pâncreas era secundário. Já tinha tumores nos rins, no intestino e no pulmão. Ele acrescentou que de nada valeria iniciar um tratamento. Mas que eu ficasse tranquila, pois estava empenhado em me

oferecer o melhor tratamento paliativo. Em outras palavras, me ajudaria a morrer com menos desconfortos.

Aquele homem e minha sentença de morte. Por um rosto estranho eu fui apresentada a um novo tempo. A voz que nunca me foi familiar deu-me a notícia: meus dias estavam contados. O homem recém-chegado, até então absolutamente irrelevante para mim, riscaria comigo os últimos dias do meu calendário.

Quis saber quanto tempo eu ainda teria. Era a única coisa que me restava pedir. “Mais algumas semanas.” Disse-me com naturalidade. Fiquei paralisada. Um frio tenebroso visitou todos os espaços do meu corpo.

Eu não podia acreditar no que estava ouvindo. Não era possível que em tão pouco tempo um intruso silencioso tenha podido conspirar a vida em meu corpo. Resgatei a voz sequestrada pelo medo e perguntei se poderia morrer em minha casa. Foi a primeira vez que conjuguei em voz alta o verbo morrer. Ele disse que lamentava, mas não. Que só no hospital eu disporia de todos os recursos necessários. Insisti se poderia voltar pelo menos para dar destino às coisas, mas o seu olhar me respondeu sem dizer.

Fechei meus olhos. Quis o direito à solidão. Refiz os passos na direção do portão de minha casa. A lucidez me habitava. A cabeça estava inteiramente preservada das garras invasoras do inimigo que me corroía. Visitei mentalmente cada canto do território de minha pertença. Meu mundo material. Paredes, móveis, objetos, roupas, sapatos, retratos. A materialidade de tudo o que me pertenceu e que, pelo misterioso movimento do tempo, tornou-se espiritual.

*Morrer requer planejamento*, pensei. Ou não. Tudo depende do quanto consideramos o que deixamos. A morte é também a despedida das coisas. Muito mais do que das pessoas. As coisas estão atadas ao que delas sabemos. Os estranhos não saberão ver o que vemos. O misterioso significado inscrito pelas mãos da vivência. Um bule sobre o fogão pode ser apenas um bule sobre o fogão. O cárcere do conceito. Mas, para quem cresceu derramando dele o café de cada dia, o bule passa a ser um fragmento da vida espiritual que o amor proporcionou viver.

Pessoas se encaminham por si sós. As coisas, não. Não podemos ser indiferentes ao significado da matéria que empresta sentido à nossa vida. Mas também é pretensão infundada pensar que alguém se encarregará de amar o que amamos. Amor não se herda. Cada um receberá a seu modo o que pelo outro foi amado.

Eu estou privada de retornar ao meu mundo. Não tenho alguém que o faça por mim. Noêmia poderia, mas, desde que eu a dispensei, enfiou-se no interior onde nasceu e nunca mais deu as caras.

Eu quero muito pouco. Apenas o direito de oferecer destino, custódia confiável à matéria que fez sentido para mim. Eu quero pouco, quase nada. Dar destino aos álbuns de fotografia, à louça que herdei de minha avó, a tantas miudezas que são importantes para mim...

Eu queria fazer o movimento final das chaves, e só.

— A senhora tinha algum sintoma? — A pergunta do médico quebra o meu devaneio.

— Há alguns meses observei falta de apetite. Mas atribuí ao meu estado emocional.

— Só isso?

— Nos últimos dois meses sentia muito desconforto estomacal.

— E não procurou um médico?

— Não. Em nenhum momento achei que necessitava.

— É difícil precisar, mas é provável que o tumor inicial tenha sido no fígado. A senhora costuma ingerir álcool?

— Não, já bebi socialmente, mas há muitos anos não bebo.

— Bem, de nada vale agora pensar nisso.

O médico afigura-se arrependido do que disse. E com razão. A pergunta parece erigir um tribunal desnecessário, um julgamento que não mudaria em nada o rumo da minha história. Ele agora revira seus prontuários, rabiscando folhas na prancheta que tem nas mãos. Fico observando seus movimentos e naturalmente vou fechando os olhos, como se meu esgotamento energético me pedisse um esquecimento de tudo. E, mais uma vez, o peso monstruoso da sentença de morte volta a me invadir.

\*\*\*

Com os olhos fechados tento recobrar os instantes que antecederam a minha queda. Os ruídos provocados pelo médico estão ficando cada vez mais distantes. A minha mente vai me transportando à rua da minha casa. A lucidez me invade.

Refaço a cena. Tudo está diante de mim. A correspondência. Eu tinha a correspondência nas mãos.

Eu estava ansiosa para chegar à minha casa. O coração batia acelerado. O delegado Miguel Sampaio havia deixado um recado na caixa postal do meu celular, pedindo que eu o procurasse o mais rápido possível. Tinha sido deixado dois dias antes. Eu não havia percebido que existia um recado. Tão logo tive conhecimento de seu pedido, fui imediatamente procurar por ele na delegacia.

A gravação não esclarecia muito. Limitava-se a dizer que tinha um fato importante a me comunicar sobre o desaparecimento de Gustavo. Havia um entusiasmo em sua voz. Eu estava repleta de esperança. Não de que meu filho tivesse sido encontrado, mas de que eu finalmente resolveria o enigma de seu desaparecimento.

Cheguei apressada à repartição e o atendente me fulminou com a notícia. O delegado estava morto. Foi assassinado no mesmo dia em que deixou o recado em minha caixa postal. O assassino o abordou no portão de sua casa.

Atônita, procurei um lugar para me assentar. O delegado havia se tornado um amigo. Sim, para quem não tem mais ninguém, qualquer vínculo torna-se importante. O atendente desconhecia o vínculo que nos unia. Um choro descontrolado irrompeu-se. Ao perceber minha desolação, tentou se desculpar. Eu o alforriei da culpa. Ele não podia imaginar que a morte daquele homem fragilizava ainda mais as estruturas do meu mundo. Meus motivos lhe eram alheios. Para quem tudo perdeu, as estranhezas não duram. O delegado Miguel

conhecia os detalhes de minhas perdas. Foi além. Ouviu-me em demoradas confissões. Foi paciente, doeu-se por mim.

Depois de um copo com água, falei ao atendente sobre o telefonema. Ele disse que conhecia um pouco da minha história. O delegado havia comentado com ele sobre o sumiço do meu filho. Enquanto conversávamos, aproximou-se uma senhora que se apresentou como assistente do delegado Miguel. Eu nunca tinha visto aquela mulher, mas ela sabia quem eu era. Ela tinha um envelope nas mãos. Disse que tinha sido deixado por ele. Contou-me que ele havia procurado por mim, mas, como não havia obtido sucesso, resolveu me deixar aquela correspondência. Segundo ela, Miguel embarcaria para um curso de segurança em Israel. Ficaria ausente por dois meses e estava muito ansioso para me encontrar antes de embarcar. Mas o seu destino foi brutalmente interrompido.

Ao me entregar o pequeno envelope, a assistente revelou um sorriso triste tomando conta de seus lábios. Ela estava mergulhada na contradição que aquele papel pardo representava. É certo que nele existia uma informação que para o delegado era importante. Por isso fez tanta questão de me entregar o mais rápido possível. Por outro lado, aquele homem estava morto. A assistente segurava o punhal de dois gumes. E os seus olhos tristes não me pouparam.

— Eu não sei o que tem aí, mas certamente é o desfecho da investigação.

— Obrigada.

Quando passei os olhos sobre o envelope, meu coração quase me saltou pela boca. A caligrafia elegante do delegado

Miguel desenhou esperança sobre a minha alma. “Para Sofia Dorneles de Freitas.” A frase inscrita no pardo do papel me deixou transtornada. Agradei aos dois e saí apressada.

Recordo-me de ter descido as escadarias e ganhado a rua como quem quisesse alcançar o primeiro lugar de uma maratona importante. É possível medir a distância que nos separa de um sonho? Creio que não. Aquela frase estava preta de promessas, prendendo-me à possibilidade de resgatar o desfecho de um acontecimento sob sombras, exilado nos desconhecidos do mundo.

Há tempos buscávamos algo novo sobre o desaparecimento de Gustavo. Eu queria ler o conteúdo daquele envelope, ainda que fosse para me fazer chorar o choro da perda definitiva, da certeza de que meu filho estava morto, e que a partir daquele momento cessaria o conflito da dúvida. Mas também poderia ser para me encher de esperanças, para me contextualizar com descobertas que apontassem para um paradeiro que meus pés pudessem alcançar, um destino que me colocasse diante de Gustavo, ainda que fosse para vê-lo de longe, vivo, firme em sua decisão de manter-me afastada do mundo que ele havia escolhido para ser seu.

Sim, todas as possibilidades me ocorreram ao longo desses dois anos, mas essa era a que mais me parecia plausível. É provável que seja consequência do fato de ter sido abandonada por Augusto. A rejeição é a mãe das inseguranças. Vai ver ele se cansou do mundo miúdo que eu lhe concedia. Vai ver ele descobriu que estava reduzindo suas possibilidades permanecendo ao meu lado. O amor de um filho pela mãe também é vulnerável



à ação do tempo. Amores terminam quando não cultivados. Ou quando somos deflagrados em nossos egoísmos. Existe a possibilidade de que Augusto tenha conseguido reaproximar-se de Gustavo. Estando próximo, em outro momento, já com os filtros da maturidade ajudando-o a distinguir a verdade da mentira, tenha entendido o meu plano de afastá-lo do pai. E, indisposto ao enfrentamento que precisaria viver comigo, resolveu partir, ficar ao lado do pai que tanto lhe fez falta.

A correspondência iniciava em mim a resolução do conflito. E, por isso, eu estava voltando tão apressada para casa. Trazia nas mãos uma resposta esperada, uma revelação abrigada num envelope pardo, a devolução de uma parte importante da minha existência, que até então estava perdida.

Eu queria abri-lo em casa. Queria ler com vagar cada palavra ali escrita. Minha vida estava profundamente ligada àquela caligrafia. Criaria um ritual para passar meus olhos sobre ela. Seria no quarto de Gustavo. Sim, eu queria ler aquela carta sentada em sua cama.

Mas a leitura não aconteceu. A vida não me permitiu. A revelação permaneceu sepultada naquele envelope. A escuridão que se apoderou dos meus olhos me privou do destino final que eu tanto desejava alcançar.

\*\*\*

O toque delicado no meu braço me devolve à realidade.

— Nunca deixe de dizer se houver alguma dor. Estamos aqui para minimizar os seus desconfortos.

— Muito obrigada, doutor!

— Resolvemos retirar você da UTI para poder desfrutar um pouco mais de conforto. Ainda hoje teremos uma enfermeira que ficará o tempo todo com você durante o dia. À noite as plantonistas vão se revezar.

— Preciso de uma informação, doutor.

— Pois não.

— No dia em que passei mal, no momento em que caí, eu estava segurando um envelope. Por acaso o senhor sabe do paradeiro dele?

O doutor me olha com estranheza. Noto que ele está absolutamente alheio ao que lhe pergunto.

— Eu tinha um envelope importante nas mãos. Queria muito saber se alguém o guardou para mim.

— Desculpe-me, Sofia, mas eu não tenho conhecimento desse envelope.

— O senhor sabe me dizer quem me ofereceu socorro?

Faço a pergunta e imediatamente percebo o quanto é estúpida. Ele é o oncologista responsável por mim. A minha entrada foi no pronto-socorro. Ele só deve ter assumido o caso horas mais tarde, quando identificaram a necessidade de minha cirurgia.

— Desculpe-me, mas não sei dizer. Eu fui chamado para assumir o caso dois dias depois que a senhora deu entrada no pronto atendimento. A senhora chegou com perda de consciência. Num primeiro momento, os plantonistas limitaram-se a reanimá-la. Notaram que a senhora tinha uma ascite importante. Foi por causa dela que eles iniciaram a

investigação. Nas tomografias e ressonâncias identificaram os tumores. Foi nesse momento que me convocaram para eu dar meu parecer. Depois do parecer fomos para a cirurgia.

Enquanto o médico me explica, o meu pensamento sai em busca de soluções. *Alguns transeuntes*, penso. O socorro certamente foi chamado por alguém que passava por ali. Todo mundo tem celular nas mãos. Quem solicitou o serviço certamente não me conhecia. Sou mulher de vida absolutamente reservada. O tempo passou e eu me tornei uma desconhecida no meu bairro. Quis que fosse assim. Logo após a minha separação, nunca mais quis vida social. Passei a viver em torno das necessidades de Gustavo. Minhas únicas saídas eram para fazer seus deslocamentos. Quinze anos são suficientemente longos para derramar sobre nós o breu do esquecimento. O bairro é grande. É fácil a gente ser desconhecida pelas ruas onde tudo se torna diariamente tão impessoal. Certamente ninguém sabia quem estava sendo socorrida. Minha casa fica numa região tranquila. A vizinhança não se interessa em saber quem mora ao lado. Rotina reduzida a acenos cordiais, por ocasião de breves encontros, e só.

Retorno do devaneio com a pergunta do médico:

— Posso saber o que tinha no envelope?

— Era um envelope importante, doutor. Só isso.

— Lamento muito, Sofia. É impossível sair às ruas para localizar quem lhe prestou socorro. Muitos dias já se passaram. Se alguém tivesse recolhido, certamente teria deixado com a equipe de socorristas que a atendeu.

Ele tem razão. Uma desolação profunda me abate. A perda da correspondência acrescenta um peso a mais à minha sentença de morte.

— Desculpe-me se estou sendo indelicado, mas o envelope continha algo de valor?

— Sim, muito valor.

— Dinheiro?

— Não. Ele tinha uma informação que havia muito eu esperava.

— Infelizmente não sei se tenho como ajudar, Sofia, mas posso descobrir qual foi o médico que a recebeu naquele dia.

— Faz isso por mim?

— Claro que faço!

Sua cumplicidade me atinge. Para quem está tão negada de afetos, qualquer expressão de cuidado comove. Choro compulsivamente. As lágrimas me doem. Sim, até para chorar é preciso ter saúde. O movimento inevitável do choro faz com que todo o meu corpo lateje. O médico permanece em silêncio. O seu olhar está em mim. Olha-me com piedade, aguçando ainda mais a minha sensação de desolação.

Depois de respeitar o meu tempo, ele segura a minha mão e pergunta:

— Gostaria de trazer alguém para ficar com você? Precisa que a gente faça algum contato? Pelo que me consta, você mora sozinha aqui.

Ele não sabe muito a meu respeito, mas certamente já conhece a minha solidão.

— Eu não tenho ninguém, doutor. Sim, moro sozinha, não tenho funcionários e meu ex-marido mora atualmente nos Estados Unidos. Há muitos anos não falo com ele. Há um advogado que intermedeia minhas necessidades, mas não acho importante comunicá-lo. O único filho que tenho está desaparecido. A correspondência que perdi naquele dia trazia notícias sobre ele.

O doutor Rogério insiste:

— Mas não há nenhum familiar ou amigo que você queira comunicar, ou que possa vir lhe fazer companhia?

— Não, doutor. Meus pais já faleceram, não tenho irmãos e nem proximidade com parente algum. Os amigos que eu tinha eram amigos do casal que éramos. Tão logo o casamento se desfez, eu não fiz questão de manter os vínculos.

Ele continua me olhando silenciosamente. Um olhar misericordioso, como se quisesse assumir um pouco do meu fardo de ser tão só. Quebrando o silêncio desconcertante que minha confissão havia provocado, ele põe a mão sobre a minha testa, sorri com tristeza e me diz:

— Não sei se posso ajudar em alguma coisa, além de minha ajuda como médico, mas pode contar comigo para o que precisar.

— Obrigada.

Não tendo mais nada a ser dito ou a ser feito, ele me deixa sozinha.

\*\*\*

Sozinha eu já estava. Sempre estive. É que agora a solidão virou lua cheia. Ainda que o médico esteja me oferecendo o alento de sua companhia, que se disponha a estar ao meu lado, ultrapassando a dimensão técnica de seu ofício, nada pode me arrancar deste desolador estado de solidão.

A morte é uma realidade que não pode ser partilhada. Morre-se sozinho, ainda que amparado por mãos de outros. Morrer é desacontecer. E este desacontecimento que experimento só é partilhável em partes. Ele é quase todo meu. Um cuidado que recebo, um alento oferecido sob o disfarce de um medicamento, tudo isso eu posso compreender a partir da solidariedade que o fim desperta, mas o caminho que agora ando por dentro, o trajeto que me encaminha ao momento final, esse eu o faço sozinha.

Passo meus olhos pelo quarto. Nada nele me parece familiar. Muito diferente do meu. Sem cor, sem vida, sem significados. A cama, os lençóis brancos com listras estreitas azuis, uma cadeira vazia no canto, uma televisão pendurada na parede e um arsenal de aparelhos esparramados ao meu redor, tudo sob o comando da impessoalidade. Nada neste ambiente foi escolhido a partir de um gosto particular, desejado como composição de um espaço afetivo.

Tento me mexer. Tudo dói. Experimento a tenebrosa consciência da imobilidade do meu corpo. Nenhum movimento posso realizar. Quero erguer uma das pernas. Impossível. No corpo paralisado tantas outras coisas se paralisam. As esperanças carecem da matéria física para lançarem brotos. A imobilidade cessa a procura, a busca que nos últimos dois

anos regou de sentido a minha existência. Na composição física onde me experimento indigente, na estrutura corpórea onde a morte realiza seus rituais, as esperanças também se rendem à atrofia.

Não posso ir procurar o filho que foi perdido, o fruto único, nascido de minhas entranhas. O corpo filiado que numa manhã de setembro saiu para correr e nunca mais voltou.

Durante os últimos dois anos eu o esperei chegar. Preparei casa e coração. Fiz doces, bolos, poemas, promessas. Concentrei todos os meus esforços para reencontrá-lo, ainda que morto. Um filho perdido não cabe no entendimento. O vazio deixado é grande demais para caber nos espaços da casa. A dúvida e o desconhecimento são uma adaga que penetra diariamente o coração materno. O corpo sumido, vaporoso, já sem carnes, sem ossos e sangue, caminha pelos espaços vazios da alma. À mãe nunca lhe é permitido o sono dos justos. Porque um filho perdido chora sem cessar, na casa da memória.

A procura cessou. Não como eu queria, mas cessou. Foi finalizada naquela tarde, quando eu atravessava a rua de minha casa, quando eu já alcançava o portão que me devolveria ao mundo que me pertencia: meu lar; o lugar onde roupas continuavam penduradas e dobradas nos armários, para que nada me parecesse fora de ordem, como se a solidão fosse breve, prestes a ser desfeita com o abrir da porta, o grito que restituiria a paz perdida. *Mãe, cheguei!* O quarto nunca desfeito, pronto para um filho ausente, era o sinal visível daquele amor, minha tentativa de sobreviver.

Minha casa tornou-se o depósito de minhas perdas, o ancoradouro onde alojei minhas ausências, o altar onde a matéria fala com a mesma voz com que falam as bocas.

Eu nem cheguei a alcançar o portão de entrada. Alguns passos me distanciavam dele. Minha última lembrança foi ver a rua ser engolida por uma névoa escura, como se a noite se antecipasse sobre as horas do dia e resolvesse deitar suas sombras sobre nós.

O envelope estava preso às minhas mãos. Não sei o destino que teve. É provável que tenha sido ignorado pelos que me socorreram. É possível que tenha ficado na calçada, levado pela força do primeiro vento, desintegrado pela primeira chuva, caído na sarjeta, condenado ao esquecimento.

O envelope perdido, metáfora de minha vida. O elo rompido que não me permitiu saber, ainda que em partes, a verdade que havia dois anos eu perseguia incansavelmente.

Olho para o quarto. A imobilidade me angustia. O mal que me hospeda me consumirá. Tudo se dará sob olhares estranhos, sob a tutela dos que escolheram ganhar a vida minimizando os efeitos da morte. Terminarei o curso dos meus dias com uma infinidade de desejos que mantive à sombra, ofuscados pelos medos que gerei e nutri. Todos silenciados pela necessidade de buscar respostas para as duas grandes perdas que vivi. O tribunal particular onde estou me revela: morrerei sem ter feito o que eu queria. Sim, nada pode ser mais tortuoso. Tenho que conciliar minha imobilidade com as cobranças que agora me faço.



Estou cativa nesta cama de hospital. Nada mais posso esperar. Tudo está irremediavelmente perdido. Marido, filho, o envelope, a vida.

\*\*\*

O médico retorna. Fecho os olhos ao perceber a sua entrada. Não quero nem ouvir nem falar. O silêncio me alforria de precisar dizer o que ainda não está pronto em mim. Há entendimentos que só florescem com o tempo. A palavra que procuro é uma semente que demora para romper a margem dos lábios. O que sinto ainda está sob o estigma da incomunicabilidade. É um sentimento que viceja nas locas de minha alma, estreitos espaços que não acesso com facilidade.

Percebo que mais alguém está com o médico. Deve ser uma enfermeira. Ele faz a ela algumas recomendações. Não presto atenção na prescrição da rotina que deverá ser observada. Prefiro não saber. Nada estará a serviço de minha cura. Em nenhum lugar do mundo há um recurso que possa paralisar a morte que percorre meu ser. Só terei acesso aos cuidados paliativos que diminuirão os desconfortos, como claramente me disse ele.

Desconfortos. Há tempos eu não sei o que é viver sem eles. Estão tão impregnados em mim. Mas agora é diferente. Falam de outros. Físicos. Mas também emocionais. Estou perdendo a vida. Terei de conviver com a certeza de que a morte me ronda. Não que antes eu dela estivesse livre, não. É que agora ela é consciente. A todo instante eu terei de assumir